

É também muito problemática a identificação pessoa-personagem. Para o jornalista, Manuelzão é o protagonista de "Uma estória de amor". Guimarães Rosa pode ter emprestado ao protagonista da novela o nome e alguns traços do vaqueiro, mas Manuelzão, ex-chefe de boiada, **não** é a personagem. Do mesmo modo, cabe observar que a saga da construção da capelinha, pelo boiadeiro que viajou com Guimarães Rosa, não é o tema de "Uma estória de amor". Essa visão ingênua das relações arte-"realidade" reproduz-se no seguinte fragmento: "Nilson [filho de Manuelzão], também personagem de Guimarães Rosa, teve o nome trocado para Adelço no conto 'Uma estória de amor'". (p. 12-3) Se essas relações pudessem ser consideradas como o são no livro de Granato e se isso tivesse alguma importância para o entendimento da obra literária, lembraríamos que Nilson tinha nove anos no momento da viagem de Guimarães Rosa - conforme nos informa o próprio Granato - e a personagem dessa novela de *Corpo de baile* é adulta. Mesmo como fonte de inspiração, de que modo um menino poderia ser impulso para a criação de uma personagem que é solteiro pai de família, marido ciumento, desconsiderado pelo próprio pai?

As considerações acima são resultado de leitura interessada do trabalho de Granato e têm o intuito de lembrar determinadas cautelas a serem tomadas no trato com a obra de arte.

O relato em questão, resultado da aproximação sensível de um mundo distante do leitor urbano, bem como as belas e diáfanas fotos de Walter Firmo, chamando a atenção para a obra de Guimarães Rosa, devem despertar a curiosidade sobre ela, e - quem sabe - instigar a leitura de pessoas que, de outro modo, não se aventurariam a penetrar no universo do texto rosiano. É um livro bem vindo no momento em que se comemoram os 50 anos de *Sagarana* e os 40 de *Grande sertão: veredas* e de *Corpo de baile*.

Maria Célia de Moraes Leonel

Professora de Literatura Brasileira - UNESP/Araraquara.

MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Trad. Luzia A. de Araújo e Talia Bugel. Campinas, Papyrus, 1994. 452p.

Quando a questão da emigração passa a ser objeto de estudo das ciências sociais, e particularmente da antropologia, surge oportunamente o trabalho da antropóloga americana Maxine L. Margolis sobre os brasileiros em Nova York, contribuindo assim para suprir a carência de estudos sobre este fluxo migratório, o qual tem suscitado inúmeras questões pelas suas dimensões e características.

O trabalho de Margolis não tem a pretensão de ser um estudo sobre a imigração brasileira para os Estados Unidos, mas de um caso particular: a presença brasileira na cidade de Nova York, que se tornou significativa e visível nos últimos anos.

Na tentativa de explicar este movimento migratório, a autora parte do pressuposto de que tal fluxo não é um fenômeno isolado, mas faz parte de um processo mais amplo, ou seja, a globalização da imigração internacional. Neste sentido, segundo a autora, as teorias tradicionais de explicação “empurra-puxa” já não dão conta de um fenômeno mundial de tal magnitude, porque não são considerados fatores macroestruturais que permeiam estes movimentos migratórios globais. Desta forma, segundo ela, é necessário considerar tanto os fatores que estimulam as decisões individuais de emigrar, quanto os fatores macroestruturais, que englobam aspectos econômicos, como a oferta de mão-de-obra barata e geralmente qualificada nos países industrializados, como também o alívio de pressões políticas e econômicas que este excedente de mão-de-obra poderia provocar nos países em fase de industrialização.

Considerando a dificuldade de se estudar populações com grandes contingentes de indivíduos ilegais, como é o caso dos brasileiros, a autora utiliza-se de um procedimento metodológico que possibilita a construção de um corpus não-aleatório, através da técnica de pesquisa bola-de-neve, a qual faz uso da própria rede de amigos e parentes dos informantes para a construção de um corpus.

Assim, a amostra construída pela autora revela elementos curiosos deste movimento migratório, cujas características fundamentais são: a constituição etária do grupo, sua origem social, o nível de qualificação profissional, a inserção dos mesmos no mercado de trabalho e a questão da identidade.

A pesquisa revelou que a população brasileira em Nova York é indiscutivelmente jovem, pois 36% tinham menos de 30 anos. Quanto à composição racial, constatou-se que 83% dos incluídos no universo da pesquisa eram brancos. Em relação à origem social, a pesquisa revelou que uma porcentagem bem maior da amostra de Nova York pertence à classe média, média baixa, e uma porcentagem bem menor deles é da classe trabalhadora ou baixa, em oposição aos brasileiros em sua terra natal. Da mesma forma, eles são bem mais preparados que os seus compatriotas, uma vez que 46% freqüentaram a universidade, destes, 31% concluíram a graduação.

No entanto, segundo a autora, estes imigrantes realizam trabalhos muito aquém de suas qualificações profissionais, ocupando empregos do setor secundário do mercado de trabalho, o setor de serviços como garçons, engraxates, motoristas, domésticas, *go-go dancers etc.*, como mão-de-obra clandestina e recebendo baixos salários.

Estes dados levaram a autora a concluir que a imigração produz uma ruptura na estrutura de classes, uma vez que brasileiras, aqui patroas, tornaram-se lá empregadas domésticas. No entanto, constata que para o imigrante esta nova realidade constitui apenas um momento de sua vida, uma vez que, no nível das representações, as diferenças sociais continuam a existir entre eles e são remarcadas no cotidiano por imigrantes da elite e da classe média através de várias expressões preconceituosas, tais como: eles “não têm formação educacional”, nem “boas maneiras”, referindo-se aos brasileiros de nível social mais baixo.

Outra questão relevante que emergiu em seu trabalho é a forma de identificação desses imigrantes em Nova York, ou seja, freqüentemente identificados pelos americanos como hispanos. Esta confusão étnica se deve, segundo a autora, à ignorância dos americanos em relação ao Brasil. Por outro lado, os brasileiros sentem-se ofendidos quando são identificados como hispanos, pois tal categoria está relacionada a pessoas desqualificadas e pobres, enquanto que os brasileiros se consideram qualificados e pertencentes a uma classe social superior a deles.

Desta forma, o trabalho da autora traz à tona questões relevantes, como a construção de uma nova identidade e a questão da classificação social que a migração não conseguiu romper, pelo menos no nível do simbólico. Além destas questões colocadas pela autora, outras, a meu ver ainda carecem de um aprofundamento maior, como o significado desses movimentos emigratórios para um país que era considerado o país do futuro.

Neste sentido, o estudo de Margolis é um estímulo para que novas pesquisas venham enriquecer o debate de tão importante e atual problemática.

Sidney Antonio da Silva
Mestre em Antropologia
Centro de Estudos Migratórios - SP.

MOREIRA CAMPOS. *Obra Completa: Contos*. Org. Natércia Campos. São Paulo, Maltese, 1996. 2v.

Os contos de Moreira Campos, publicados inicialmente como *Vidas marginais* (Fortaleza, Ed. Clã, 1949); *Portas fechadas* (Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1957); *As vozes do morto* (São Paulo, Francisco Alves, 1963); *O puxador de terço* (Rio de Janeiro, J. Olympio, 1969); *Contos escolhidos* (Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1971); *Contos* (Fortaleza, Impr. Univ. do Ceará, 1978); *Os doze parafusos* (São Paulo, Cultrix, 1978); *A grande mosca no copo de leite* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985); *Dizem que os cães vêem coisas* (Fortaleza, UFC, 1987); *Dizem que os cães vêem coisas* (São Paulo, Maltese, 1993) foram reunidos em *Obra Completa: Contos I e II* (2v), e publicados, em 1996, pela Editora Maltese de São Paulo, tendo como organizadora sua filha Natércia Campos.

José Maria Moreira Campos nasceu em 1914 no interior do Ceará, onde fez seus estudos primários. Em 1930 a família mudou-se para Fortaleza. As perdas do pai nesse mesmo ano e da mãe, em 1931, vão interromper seus estudos regulares e oficiais; mas forma-se em 1946 na Faculdade de Direito do Ceará. Ingressando no magistério superior, matricula-se na antiga Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, licenciando-se em Letras neolatinas, em 1967. Fez carreira universitária, chegando a ocupar, em caráter eventual, o cargo de Reitor da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de